

Mais que conexão: A lan house como espaço de convivência em Terra Boa nos anos 2000

Gabriel Lucas Fernandes Gatto¹

A narrativa a seguir foi desenvolvida a partir de uma entrevista realizada com Flavio Rogério Bagatin Junior, morador de Terra Boa, Paraná, e ex-proprietário de uma lan house que funcionava na cidade nos anos 2000. O encontro aconteceu em um espetinho local, no dia 20 de maio de 2025. A proposta deste trabalho é construir uma narrativa biográfica que permita compreender aspectos da trajetória pessoal do entrevistado e papel social e cultural que sua lan house exerceu na comunidade local. Como observa Verena Alberti (2004), ouvir alguém contar sua história é um gesto que envolve escuta, respeito e partilha. A entrevista biográfica, nesse sentido, permite compreender a experiência singular do narrador sem dissociá-la de seu contexto histórico e social.

A abordagem biográfica aqui empregada permite valorizar as memórias individuais como forma de acessar experiências coletivas, como propõe Alessandro Portelli (2007). Ao tratar da lan house como espaço de sociabilidade, comunicação e aprendizado informal, busca-se não só compreender o testemunho de uma geração, mas refletir sobre essas experiências contribuíram para a formação de vínculos afetivos e para a apropriação das tecnologias digitais por populações de pequenos centros urbanos, em sintonia com o que André Lemos (2002) define como cibercultura, um novo modo de vida atravessado pelas tecnologias da informação e pela transformação dos vínculos sociais mediados por redes digitais. Junior, também conhecido como Jú, relembra com entusiasmo o surgimento da lan house como oportunidade de negócio e espaço de convivência. Seu relato envolve informações sobre a estrutura e funcionamento do local e observações sobre os usos sociais que os frequentadores faziam daquele ambiente, o que revela o valor da lan house como ponto de encontro, formação de grupos e até elemento de transformação da vida comunitária. A proposta também se insere nos princípios da História Pública, especialmente ao assumir a escuta como ferramenta para acessar experiências sociais silenciadas ou marginalizadas. Como destaca Jorge Ferreira (2016), é preciso “voltar ao público”, isto é, romper com o distanciamento acadêmico tradicional e reconhecer a legitimidade das memórias, afetos e trajetórias das pessoas comuns como parte integrante da história. Ao dar centralidade à narrativa de Junior, este trabalho busca justamente valorizar essas vozes ordinárias, mas profundamente reveladoras, sobre um período recente da vida comunitária em Terra Boa.

A primeira lan house na cidade

A decisão de Junior por abrir uma lan house em Terra Boa partiu de uma observação atenta das mudanças tecnológicas e do comportamento dos jovens dos anos 2000. Ao notar que a cidade ainda não contava com esse tipo de serviço, ele identificou uma oportunidade

¹ Entrevista realizada com Flavio Rogério Bagatin Junior em 20 de maio de 2025. A atividade foi desenvolvida a partir da disciplina Biografia e História Pública, ministrada no primeiro semestre pelo professor Frank Antonio Mezzomo, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Pública da Unespar/Campo Mourão.

econômica e social. Com o apoio da família, montou o espaço com quatro computadores, num tempo em que o salário mínimo era de aproximadamente R\$151, e um único computador custava entre R\$1.500 e R\$2.000. O investimento era alto, mas o negócio prosperou.

A lan house rapidamente se transformou em ponto de referência para a juventude local. Cobrando de R\$1,30 a R\$2,00 por hora, o espaço reunia crianças, adolescentes e adultos em busca de acesso à internet, jogos e serviços básicos como impressão de documentos e envio de e-mails. Segundo Junior, “fervia de gente” nos fins de semana, e o lucro era suficiente para que ele comprasse novos equipamentos e ampliasse o serviço (Imagem 1).

Imagem 1: Ambiente interno da lan house do Ju



Fonte: Acervo pessoal do autor / Facebook (2014)

Contudo, mais do que um negócio lucrativo, a lan house consolidou-se como espaço de sociabilidade e formação comunitária. Junior recorda com nitidez como os jovens formavam amizades dentro do espaço, organizavam grupos para jogar juntos, dividiam tempo de uso dos computadores e ajudavam uns aos outros com dúvidas escolares e tecnológicas. Ele relata com carinho episódios como o de uma mulher que, ao terminar de usar o tempo pago no computador, cedeu os minutos restantes a um menino que esperava para jogar, gesto que se repetia entre os frequentadores e simbolizava um espírito comunitário construído naquele espaço.

As gírias, comportamentos e disputas também ajudavam a moldar uma cultura própria, muitas vezes ligada ao universo dos jogos, como expressões do tipo “headshot”, “máquina 8” e o uso de siglas ou apelidos para os computadores. A convivência não era isenta de conflitos, especialmente durante partidas competitivas como *Counter-Strike*, *Need for Speed* ou *FIFA*. Como Junior lembra, quando necessário, ele intervinha para garantir que os desentendimentos não passassem de provocações lúdicas, tais como relembra Ju, “às vezes acontecia um pouco de rixa também. Porque a pessoa estava jogando lá e... E aí... Ô, você me matou aqui. E ia crescer a confusão com o outro cara lá, né? A gente tinha que intervir. ‘Não, isso aqui é só uma brincadeira. Não pode ser assim. O jogo é esse mesmo. Volta lá no seu lugar e continua brincando.’” “Era o *headshot*, mano. Você me deu o *headshot* [...] O cara levantava da mesa. ‘Você é louco, mano?’ Então... Aí você tinha que intervir. Você se separava lá. ‘Fica calmo aí. Você não estava na sua casa, rapaz. Se controla aí.’” Ou seja, esses conflitos existiam entre as crianças exercendo sua competitividade, porém Junior sempre intervia quando julgava necessário.

A lan house era também um espaço de aprendizado intergeracional. Pessoas mais velhas que nunca tinham usado computador iam até lá em busca de ajuda para acessar e-mails, comunicar com familiares pelo Orkut ou simplesmente aprender a navegar na internet. Junior relata como sentia prazer em auxiliar essas pessoas, sobretudo por entender que estava colaborando com um processo mais amplo de inclusão digital. Ele descreve a cena com orgulho: “a gente fazia isso e já saía se sentindo bombando”.

No auge do negócio, havia inclusive eventos como o “corujão”, em que os jovens pagavam para passar a madrugada inteira jogando (Imagem 2). Nesses momentos, a lan house se tornava uma verdadeira festa: havia venda de salgadinhos, refrigerantes, jogos em CD e até orientação sobre como “craquear” softwares. A variedade de públicos e horários também marcava o cotidiano: pela manhã e à tarde, o público era majoritariamente adulto, usando os computadores para fins profissionais; já no fim do dia e aos fins de semana, predominavam os jovens em busca de lazer.

Imagem 2: Lan house em um “corujão”



Fonte: Imagem capturada no Facebook, 2020

Contudo, o crescimento do espaço trouxe também desafios e tensões. O uso frequente da lan house por crianças e adolescentes, muitas vezes não comparecendo às aulas ou permanecendo por tempo excessivo no local, passou a chamar a atenção do Conselho Tutelar e das escolas, essa tensão entre o espaço da lan house e a instituição escolar remete à crítica de Frigotto (2001), para quem a escola tradicional, muitas vezes, se organiza em torno de uma lógica de produtividade e controle, desconsiderando os outros espaços formativos que emergem da cultura juvenil e digital. O que induziu Junior a criar regras mais rígidas sobre horário de funcionamento e necessidade de autorização dos pais. O entrevistado reconhece que o espaço passou a ser alvo de críticas e fiscalização: “teve multa, horário para fechar, regra pra não atrapalhar o horário escolar”.

Essas restrições demonstram o conflito entre a inovação tecnológica e as instituições tradicionais, como a escola e a família. De um lado, a lan house proporcionava acesso inédito a conteúdos, jogos e ferramentas digitais; de outro, gerava preocupações com o desempenho escolar, a disciplina e o controle dos horários. A experiência vivida por Junior ilustra bem como o avanço tecnológico, especialmente em cidades do interior, pode gerar tensões sociais que exigem mediação e regulamentação.

Esse contexto, somado à crescente popularização de computadores e celulares nas residências, levou ao declínio da lan house. “Começou a ter pouco público”, afirma Junior. Segundo ele, os pais passaram a fazer esforço para comprar computadores para os filhos, como alternativa aos riscos percebidos na frequência à lan house. Assim, o espaço perdeu sua relevância econômica, e Junior acabou vendendo o negócio, que foi transferido para outro endereço e, mais tarde, fechado em definitivo.

Apesar do fechamento, Junior acredita que a lan house deixou um legado afetivo importante. Para muitos, ela foi um marco geracional e um ponto de virada na relação com a tecnologia. Ele lembra de namoros e casais que se conheceram no local, amizades e aprendizados que marcaram aquela geração: “era gostoso, era animado, era divertido”. Apesar das pressões e do fim do negócio, Junior recorda com entusiasmo o ambiente de convivência que se formava. Havia, segundo ele, uma verdadeira “fraternidade digital” entre os jovens, que se ajudavam, trocavam conhecimentos e até ensinavam uns aos outros a usar programas e instalar jogos. Isso era especialmente visível entre aqueles que sabiam “craquear” os jogos com CDs piratas e ensinavam os demais. Ele destaca que, naquela época, “ter conhecimento de informática era um orgulho”, algo valorizado socialmente, ao contrário de hoje, em que tudo parece automático e acessível.

Outro ponto marcante da entrevista é a reflexão sobre o impacto das lan houses na economia e na cultura local. Junior comenta que a cidade poderia ter investido mais nesse tipo de espaço, organizando competições, incentivando eventos e transformando a lan house em polo de atração para os jovens. Ele vê com clareza que faltou um olhar mais estratégico do poder público, que focava no setor agrícola e não percebia o potencial social e econômico da cultura digital emergente. “Se tivesse incentivo, dava para ter feito coisa grande”, lamenta.

Hoje, Junior vê com clareza o que se perdeu: o espaço coletivo, a troca, a paciência que os jovens aprendiam ao esperar sua vez para usar a máquina, a socialização direta que o celular não substitui. “Essa geração nunca vai saber o que é esperar na fila”, afirma.

Além de empreendedor, Junior desempenhava um papel social fundamental dentro da lan house. Ele não era apenas o responsável técnico pelo funcionamento dos computadores, mas também um mediador das relações que se formavam naquele espaço. Atuava como orientador para os mais velhos, educador informal para os jovens e figura de autoridade quando era necessário acalmar disputas entre os usuários. Seu balcão era, ao mesmo tempo, ponto de atendimento e posto de escuta, quando observava a dinâmica do espaço, interagia com os frequentadores e ajudava a construir um ambiente de respeito mútuo. Assim, a figura de Junior transcende a do proprietário. Ele foi um agente “comunitário da cultura digital” emergente, contribuindo para a construção de uma rede de apoio, aprendizagem e convivência que marcou parcela da juventude de Terra Boa.

Um marco terrabonense, um centro social, econômico e de memória

A trajetória de Junior como dono de lan house em Terra Boa, nos anos 2000, revela como um espaço aparentemente simples, uma sala com computadores conectados à internet, e que pode desempenhar um papel profundo na formação de vínculos sociais, no acesso à informação e no protagonismo juvenil em comunidades do interior.

Como destaca Paul Ricoeur (2007), a memória é sempre uma reconstrução mediada pelo tempo, pelo afeto e pelas marcas da experiência vivida. Ao narrar sua história, Junior não

apenas relembra, mas reinterpreta sua trajetória, ativando sentidos coletivos e afetivos que marcam sua identidade e a do grupo com o qual conviveu.

Sua fala evidencia como a lan house foi além do propósito técnico de fornecer acesso à tecnologia. Ela se constituiu como um lugar de convivência, de trocas intergeracionais, de lazer e também de aprendizagem informal. As experiências compartilhadas por Junior revelam a riqueza simbólica do cotidiano vivido ali, a partir daquele espaço, desde o orgulho em ajudar pessoas mais velhas no acesso à tecnologia, até as rivalidades entre adolescentes em jogos online.

A abordagem biográfica permite, nesse sentido, acessar camadas subjetivas e coletivas de memória, reconhecendo que os relatos individuais frequentemente revelam experiências sociais mais amplas e significativas (Portelli, 2007; Thompson, 2002). Por meio do relato pessoal de Junior, vislumbramos não apenas a história de um negócio que prosperou e depois desapareceu, mas também uma cena social que marcou uma geração. A lan house, com suas máquinas numeradas, gírias próprias e “corujões”, inscreveu-se na paisagem afetiva de muitos moradores da cidade.

Com o tempo, a popularização dos celulares e computadores domésticos tornou o modelo de lan house obsoleto. No entanto, como lembra Junior, o que se perdeu não foi apenas uma forma de acesso à internet, mas uma cultura de convivência mediada pela tecnologia, com ritmos e valores muito diferentes dos atuais. A entrevista, nesse sentido, cria a oportunidade para conhecer uma trajetória pessoal e também um capítulo da história recente de Terra Boa, feita de encontros, aprendizados e memórias compartilhadas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FERREIRA, Jorge. De volta ao público: João Goulart, uma biografia. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 287-298.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

JUNIOR, Rogério Bagatin. **Entrevista concedida à Gabriel Lucas Fernandes Gatto**. Terra Boa, 20 maio 2025.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida de Andrade et al. (Orgs.). **História oral e memória**: desafios teóricos e metodológicos. São Paulo: Letra e Voz, 2007, p. 25-45.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.